

MAS NENHUMA PAIXÃO É SURPRESA PARA SUAS VÍTIMAS: como uma estância é lugar onde nada acontece, constituíra uma fábula a chegada do Maestro, com seu empoeirado baú de partituras, seu bandolim de fitas, o penico de estanho atado à mala e aquela pele escura, crivada de pontos malévolos. Clara Vitória sentira tanto asco que correria ao oratório para desculpar-se com Santo Antônio de Lisboa, o que carrega o Menino. Pouco depois, viera espiar a sala grande através de uma fresta do reposteiro: enquanto o pai lia a carta do Vigário, o homem ostentava a má educação de sentar-se de pernas cruzadas igual a um carroceiro, o braço enganchado no espaldar da cadeira. Como ela não soubesse calcular a idade de ninguém, imaginara-o um velho de quarenta anos, embora ficasse em dúvida por causa da atitude jovial com que ele seguia a leitura. Não era do Rio Grande; em suas poucas palavras revelara-se aquele acento corrompido e cantante dos *baianos*, essa gente sem eira nem beira que viera lutar na Revolução, e cujos remanescentes ainda se embebedavam pelos bolichos, armando pendências de arma branca por qualquer motivo.

Já o Maestro, fingindo acompanhar a leitura da carta, enxergava com o canto do olho a espionagem que lhe fazia a moça da casa. Seguiu-lhe o gesto de afastar o reposteiro com a mãozinha branca, viu-a sumir para voltar depois, deslumbrou-se com o relâmpago das suas pupilas verdes e com os cabelos que tombavam sublevados sobre a fronte, para irem despejar-se nos ombros nus; achou-a instantaneamente bela, de uma carnção saudável e fortes peitos - e resolveu-se a ignorá-la de pronto: ele podia ser um bandalho e femeeiro, mas louco não era. Clara Vitória, essa, ficou escandalizada ao ouvir Antônio Eleutério aceitar o recém-chegado na casa, e ainda destinar-lhe o quarto de hóspedes, aquele aposento com estreita parede de adobe armada em taquaras, herança de um tempo rústico; porque ficava longe dos olhos do Major, essa parede fora esquecida em suas reformas de tumulto: o fato sempre permitiu que Clara Vitória, com o quarto ao lado, acompanhasse os movimentos dos que ali dormiam; certa vez, ela despertara o pai, dizendo-lhe que um homem ali se finava, ouvia os estertores; foram ver, e o homem de fato estava morto, morto e azul.

No momento em que o Maestro entrou no quarto caiado de branco e pendurou o bandolim num prego, e depois, ao dispor as partituras sobre a mesinha de pinho, lastimando o quanto se esfrangalhavam pelas contínuas viagens, achou que, enfim, encontrava uma ocupação digna do seu talento. Durante o trajeto para a estância, juntando as idéias, considerara seus trinta e poucos anos e decidira mudar de vida, agora que a ocasião se apresentava. Afinal, ser maestro de orquestra não era pouca coisa: em Minas chegava-se a esse posto lá pelos cinqüenta, e ainda dependente de indicações do Bispo, que cuidava com a firmeza da moralidade dos seus recomendados, afastando-os ao menor sinal de desregramento público. O emprego civil era, assim, uma bênção que o livrava, de um só golpe, do zelo da Igreja e do rigor militar. Deveria arranjar as partituras, originalmente escritas para a banda, precisaria escrever novas músicas e contentar-se com a imperícia dos praticantes que esperava encontrar, mas não lhe faltava ciência: fizera estudos intermitentes mas rígidos nas penumbras das sacristias mineiras, dominando logo o contraponto e a instrumentação à maneira antiga; ao mesmo tempo, aprendera a tocar bandolim e a pôr alma em suas composições com um velho mestre, cego e debochado, à luz dos candeeiros fumarentos do bordel da Sapa; mais tarde, no exército, provara sua autoridade com os soldados. O que lhe faltava? Ficou atento ao escutar algumas frases musicais que vinham de fora. Eram coisas ingênuas, de afinação duvidosa e que, em outra época, teria abominado. Mas naquele instante eram as sonoridades de uma catedral que ressoavam pelo pampa.

Logo na primeira noite, Clara Vitória escutou os ruídos da água despejada na bacia, o som do corpo jogando-se na cama, e, por fim, o ressonar pesado do Maestro. Alta madrugada, ele se levantava, e foi preciso tapar os ouvidos com o travesseiro àquilo que ela identificou como um jato bestial de urina, de início apenas um som fino contra o estanho, transformando-se aos poucos num desvario de espumas. Por mais que o travesseiro fosse espesso e ela o apertasse contra a cabeça, era como se Clara Vitória tivesse o homem ali, dentro de seu quarto. Pela manhã, ela estava com as pálpebras pesadas, e, na cozinha, disse à mãe: - "Não sei que maluquice foi essa do pai, trazendo esse aí para dentro de casa". - "Acho que você deve mudar de quarto". - "Não. Graças a Deus não se escuta nada".

O primeiro trabalho do Maestro foi avaliar a eficiência de seus comandados, o que fez com apuros de perversidade. Reuniu-os no galpão e, empunhando uma régua para indicar o compasso, sentou um por um ante a partitura de O dia onomástico, de Salieri, submetendo-os a uma traiçoeira execução de primeira vista. Poucos saíram ilesos, pois a maioria tocava quase "de orelha", imolando-se em lento sacrifício ao enigma das notas daquela composição pomposa e artificial. Para reconciliar os músicos com seus instrumentos, fez com que tocassem repetidas escalas uníssonas, ascendentes e descendentes, nas tonalidades mais furiosas. Não satisfeito, escreveu estudos individuais para cada um. O resultado foi indecoroso - e, arrancando-lhes os instrumentos, ele mesmo tocava, mostrando como deveriam fazer.

Passou-se mais de uma semana nesses desencontros, e de música nada se ouvia, a não ser que se considerasse como tal aqueles sons vagabundos, um soprar de cornetas, batidas ocas de tambores e lamúrias frouxas de rabecas. O pior eram as palavras berradas a todo instante, certamente o Maestro submetia os instrumentistas a torturas, e Clara Vitória fazia um nome-do-Padre por eles. Depois, ela acompanhou com o coração arrasado a hecatombe que o recém-chegado realizava no grupo dos músicos. - "É um malvado, mãe". D. Brígida foi reclamar ao marido que nem podiam bordar na paz de Deus, e Antônio Eleutério respondeu - e nisso repetia as palavras do Maestro - que deveriam ter paciência, era preciso que eles treinassem muito para se apresentarem. A esposa se indignava: - "Te cuida, que um dia esse macaco ainda vai cagar na nossa cabeça". Na frente das damas da estância, ele procurava fazer-se gentil, não passando por elas sem cumprimentá-las; numa tarde tirou o chapéu e dobrou-se todo numa reverência, impressionando as criadas; mas não se incomodou por ficar sem resposta, pois sabia que as senhoras eram pessoas muito custosas, e que somente o tempo poderia domá-las. D. Brígida bufou: - "Ele está assim fresco porque está escorado no seu pai". Mas Clara Vitória imaginava que seria bem divertido se pudesse responder àquela mesura, e, sozinha em seu quarto, respondeu ao Maestro com uma inclinação de polichinelo, caindo às gargalhadas na cama.

Os visitantes se espantavam. O fornecedor de azeite, após descarregar o barrilete na cozinha, perguntou à dona da casa se o Major estava variado, com toda aquela gente engraçada no galpão. - "Se quer saber" - ela respondeu -, "pergunte a ele mesmo".

Mas difíceis eram as noites: Clara Vitória, pondo-se de joelhos sobre a cama, encostava o ouvido na parede; logo experimentou o truque do copo, que, com o bocal junto ao reboco e o ouvido ao fundo, ampliava os sons: o Maestro por muito tempo ficava acordado, talvez à mesa, e depois tocava no bandolim pedaços de música que mais pareciam o rumo vadio dos pensamentos quando vão para lá e para cá, sem se fixar em nada; tocava, assim, sem necessidade alguma, só para o prazer... em que pensaria? Ouvia-o deitar-se de madrugada, e o mais detestado e esperado era o ruído cristalino do urinol. Ela buscava o travesseiro, contando o tempo que durava a porcária. Depois ia

Excerto do 2º Capítulo do romance **Concerto campestre**
de Luiz Antonio de Assis Brasil. Porto Alegre: L&PM, 1997..

dormir, encharcada de suor e sentindo imenso alívio pelo fim daquela depravação íntima.